

Patrimônio Cultural: da memória ao sentido de lugar¹ [O novo projeto do Observatório de Cultura]

*Cultural patrimony: from the memory to the sense of location
[The new project for the Culture Observatory]*

Yolanda Flores e Silva²



Por ocasião do ano de 1983, quando saí de Fortaleza para morar em Florianópolis, Santa Catarina, carregando comigo alguns documentos que deveriam ser entregues à Universidade Federal de Santa Catarina, para que eu continuasse meus estudos universitários nessa cidade, não imaginei que, em algum momento, meu retorno às raízes étnicas e culturais pudesse ocorrer através da elaboração de um prefácio.

Tantos anos se passaram, mas ainda guardo com orgulho os dias em que frequentei as salas de aula da Universidade de Fortaleza do curso de graduação em Enfermagem desta instituição.

Assustaram-se? É isto mesmo, sou uma Enfermeira que se tornou Antropóloga e que, desde 1997, atua como professora do primeiro curso de mestrado em Turismo e Hotelaria do país e agora também do doutorado³, que aguarda autorização da CAPES, Fundação de Capacitação de Pessoal do Ensino de Nível Superior⁴, para constituir novas turmas a partir de 2006.

Como docente e pesquisadora do Programa e também de um outro na área de Saúde, atuo no

Turismo, realizando o que até recentemente era considerado uma miragem ou loucura rematada. Trabalho com alunos que se interessem por “vasculhar” um turismo diferenciado: o turismo inclusivo e social, que pode se apresentar ao mundo com todo um arsenal de conhecimentos e idéias relacionadas à sustentabilidade, responsabilidade, ética e segurança.

Quando falo de sustentabilidade, estou falando do e no que José Clerton de Oliveira Martins e seus colegas acreditam: a sustentabilidade do planeta a partir do resgate das idéias, do patrimônio natural e cultural existente, do direito à preservação da memória, a História e da construção de um paradigma da esperança.

Ainda que, contextualmente, todos os autores que insperaram este trabalho que aqui apresento, referiram-se às muitas perdas que vivenciamos em nossa História, com relação ao patrimônio cultural construído ao longo dos séculos. Também é evidente, entre eles, a certeza de que esses patrimônio tem um significado e sentido maior para milhões de pessoas.

A obra que muitos povos estejam perdendo sua identidade cultural e ainda que a memória oral e até

¹ Este texto abre o livro Patrimônio cultural: da memória ao sentido de lugar, São Paulo: Roca, 2005.

² Enfermeira e Antropóloga, Doutora em Filosofia da Saúde, e da Enfermagem e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora e pesquisadora do Programa de Doutorado e Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria. Editora da Revista Turismo Visão e Ação. Mailto: yolanda!@bc.univaki.br.

³ O Ministério da Educação do Brasil chama de Programa de Pós-Graduação ao curso de mestrado e doutorado acadêmico. Nesse caso, mestrado e doutorado em Turismo e Hotelaria da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴ A CAPES está subordinada ao MEC. Gerencia e avalia os mestrados e doutorados brasileiros. Ainda fazem parte do sistema o Conselho Nacional de Educação, CNE e sua Câmara de Ensino Superior, CES.

mesmo escrita não mais seja do domínio da maioria da população, é certo que sempre existirão pessoas de sobrenome Amaral, Cardoso, Fernandes de Gil, Santos, Martins, Leite, Coriolano, Carneiro, Buriti, Pinheiro, Nascimento, Rodrigues e os Silvas que compuseram textos mostrando que a Memória pode ser recuperada se continuarem a existir pesquisadores capazes de sentir que todos nós somos responsáveis pelo resgate histórico e social de nossas sociedades.

A obra que carrega o título *Patrimônio Cultural: da Memória ao Sentido de Lugar*, demonstra a amplitude e o idealismo de um grupo de intelectuais, que, transpondo as velhas idéias cartesianas da especialização de um único olhar sobre os fenômenos existentes, alcançam o que para mim é uma máxima extraída das falas de Leonardo Boff: um olhar planetário, humano e sensível, que o grupo traduz como transdisciplinar, ou seja, a capacidade dos seres humanos de apreender o conhecimento através de muitos saberes, fazeres e caminhos.

Esses muitos caminhos são encontrados nas temáticas distintas tratadas no livro, que nos apresenta um universo magnífico, iniciando com a origem do conceito de patrimônio e localizando, para os leitores, os momentos históricos e espaciais das primeiras iniciativas de se elaborar o estudo das idéias e dos pensamentos de um povo, sobre o que ele pensa vir a ser o patrimônio. Nós, os leitores, somos levados por este itinerário e apresentados a um levantamento histórico e evolutivo do conceito de patrimônio, mostrando como o mesmo se funde a vários fatos políticos e culturais, que se tornaram marcantes na História cultural de nosso país.

As temáticas, porém, não param por aí, uma vez que nos deparamos nos textos com reflexões sobre uma das maiores feridas que afetam o universo do Turismo: a banalização do patrimônio cultural material, as perdas que vamos adquirindo ao longo da existência, de que, às vezes só nos damos conta quando esta perda significa o não registro de nossa própria História. Em função dessa banalização, o Turismo predador acentua o pecado, mostrando-se irresponsável, quando investe na invenção do nada, para atrair pessoas; algo que se torna cada vez mais comum nas grandes e pequenas cidades, que improvisam rituais, dramas, peças artesanais, a fim de capturar o interesse do turista.

Embora textos específicos tratem desta questão, em todos os outros podemos nos transportar aos muitos dramas vividos em função desta banalização do belo, do feio, do grande, do pequeno, das artes, enfim, dos instrumentos que fazem parte da cultura material de

um povo. Não valorizar este patrimônio significa não poder apresentá-lo a mais ninguém.

Neste sentido, outras problemáticas, enfocadas no livro que baseia este estudo, mostram que, quando o Turismo não sabe usar suas prerrogativas de sustentabilidade, ele se torna gestor e ao mesmo tempo vítima do mau uso do espaço, do mau uso do poder, principalmente dos relacionados ao poder econômico, capazes de transformar nosso patrimônio em uma mercadoria que somente terá valor em função do dinheiro imediato que puder obter, através de sua exposição a um público exigente.

Compreender a relação que envolve o poder na produção do espaço turístico, observando as contradições que fazem parte deste universo, seduz-nos, mas ao mesmo tempo nos mostra que o ser humano pode ser beócio, tolo quando não compreende que sua identidade cultural é parte do que deve preservar e cuidar. A liberdade, a capacidade de compor a História e a Memória, de fazer brotar da terra a arte e o ofício de um povo, é complexo; por sua própria natureza, é dinâmico porque somos constantemente levados a mudar e transcender, mas não se fica imune à falta de perspectiva e sensibilidade daqueles que não valorizam, desde uma pequena peça de cerâmica à relevância dos aspectos históricos e culturais de um cemitério antigo.

Muito haveria a escrever sobre o que cada autor, especialista no tema, tentou nos repassar; a linguagem e o domínio de cada um são vastos, assim como as diferenças de vivências, imagens e memórias.

Assim como acredito que cada autor, aqui representado pelo seu texto, embora não tenha ele imediatamente se dado conta do arsenal de idéias que criou, adentraram todos em um universo paralelo de lembranças e expectativas. Este é um espaço que as academias às vezes rejeitam por considerar de implicações demasiadamente românticos. Todavia, espero que vocês, autores e professores preservem-no! Escrevo tudo isto para lembrar que mais do que a idéia de produzir um livro que seja um marco na produção de nossos currículos, que em particular se reflita sobre uma possibilidade diferencial: a de suscitar sonhos, de resgatar memórias, lembranças e feitos de um país continental, contraditório e repleto de alteridades únicas.

Aspiro a que, ao final da leitura de José Clerton de Oliveira, cada leitor possa perceber, que o meio ambiente algo mais além da natureza: há nele pessoas e um patrimônio a conservar e preservar, cabendo a todos os habitantes deste planeta azul, trabalhar na perspectiva que Boff tanto apregoa: uma profunda

humanidade com o que nos rodeia e com o que
construímos: Compaixão e Cuidado!

Balneário Camboriú, SC, Brasil, 27 de maio de
2004.

Referência:

MARTINS, José Clerton de Oliveira. *Antropologia das
coisas do povo*. São Paulo: Rocco, 2003.

Data do Aceite: 2004